



Antropologia e arquitectura: modernismo e crítica

Autor(es): Providência, Paulo; Xavier, Sandra; Quintais, Luís

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitectura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37389>

Accessed : 17-May-2017 10:02:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



JOELHO

02

INTERSECÇÕES: ANTROPOLOGIA E ARQUITECTURA

Coordenação:

Paulo Providência

Sandra Xavier

Luís Quintais

Comunicações:

Georges Teyssot

James Holston

João Leal

Sergio Fernandez

Comentários:

Jorge Figueira

José António Bandeirinha

Luís Quintais

Paulo Providência

Sandra Xavier



PAULO PROVIDÊNCIA, SANDRA XAVIER E LUÍS QUINTAIS

Antropologia e Arquitectura: Modernismo e Crítica

O presente número da revista Joelho edita as comunicações apresentadas no Colóquio Internacional “Intersecções: antropologia e arquitectura / Crisscrossing Anthropology and Architecture”, inserido nos Colóquios de Outono promovidos pela Reitora da Universidade de Coimbra, e que tiveram lugar no auditório da Reitoria, em duas sessões, nos dias 23 e 24 de Novembro de 2009; para além das comunicações, edita-se ainda o debate que decorreu após as sessões e um conjunto de comentários, realizados posteriormente, que enquadram e abrem perspectivas sobre o colóquio e suas comunicações.

Os convites endereçados aos conferencistas, que naturalmente incluíam arquitectos e antropólogos, procurava o registo de duas práticas projectuais e etnográficas; uma, que poderemos designar de moderna, via na acção ou intervenção sobre o real o seu campo de acção; outra, que poderemos designar de crítica, procurava a desmontagem das apropriações recíprocas dos discursos; desta forma, os colóquios mais que um ponto de situação sobre a actualidade procuravam constituir-se como um ponto de partida, ou um ponto a partir do qual se poderia iniciar um

debate sobre os cruzamentos disciplinares; o registo disso mesmo se poderá ler na transcrição dos debates que se seguiram à apresentação das comunicações.

A primeira sessão, que corresponde na estrutura descrita ao registo de uma prática moderna, contou com as comunicações de James Holston e Sergio Fernandez. James Holston, antropólogo, docente em Berkeley e um profundo conhecedor de arquitectura, propõe uma aproximação ao objecto arquitectónico considerando a sua generatividade, quer dizer a capacidade de integrar vivências urbanas no seu interior; opondo exemplos de arquitecturas de Brasília a exemplos de S. Paulo, Holston detém-se na análise do edifício Copan de Óscar Niemeyer, para concluir sobre a sua capacidade de negociação com as apropriações e usos no contexto urbano em que se insere; a produtividade desta observação, que se centra na forma como a arquitectura do edifício gera relações de alguma complexidade e permite apropriações com a envolvente directa, é matéria para renovadas e ricas releituras nos processos de concepção arquitectónica, nomeadamente no papel que o programa ou o conceito prévio poderão ter numa arquitectura ou

projecto mais próximos da realidade cultural e urbana de inserção; Sergio Fernandez fala-nos da sua experiência, até certo ponto heróica, de permanência numa aldeia de Trás-os-Montes nos inícios dos anos sessenta; acompanhando o interesse pela arquitectura popular associado ao Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, a sua permanência em Rio de Onor durante um período de tempo alongado que incluiu o Inverno, e a pretexto de realização de um projecto para uma Casa do Povo, seu tema de trabalho para a obtenção de diploma de arquitecto (CODA), surge como testemunho da generosidade e necessidade de confronto com uma realidade bem profunda por essa geração de arquitectos - a do mundo rural ultraperiférico então sobrevivente; claro que uma leitura 50 anos após “a experiência” (como Sergio Fernandez lhe chama), não deixa de produzir um certo sorriso por essa procura de uns *Dogon* cá dentro, mas também pela radicalidade da “experiência”, pela sua encarnação concreta, por pôr em causa todos os standards de conforto, por uma procura das manifestações mais directas do abrigo, dos ciclos de tempo e cultivo, pela ordenação de uma paisagem rural de um utilitarismo extremo, pela sobrevivência ameaçada pela distância e inacessibilidade.

A segunda sessão, que corresponde na estrutura descrita a uma prática crítica, procura a desmontagem dos discursos de apropriação recíprocos, nomeadamente a forma concreta como o discurso antropológico surge, a partir de meados dos anos 50 e 60, como acesso possível a uma arquitectura mais enraizada na sociedade e no homem. Georges Teyssot detém-se precisamente na apropriação do discurso etnográfico e antropológico por parte de Aldo Van Eyck, nomeadamente sobre os *Dogon* de África e os índios *Pueblo* dos Estados Unidos da América, procurando dessa forma uma certa retórica sobre relações topológicas e espaciais que serviriam de modelo ou referência a uma prática arquitectónica em crítica ao movimento moderno; o limiar, a transição interior/externo, a soleira, a organização espacial dos aglomerados urbanos, e outros temas que serão profundamente influentes na geração de 60 são amplamente ilustrados na comunicação; tratar-se-ia, segundo Teyssot, de um certa refundação da arquitectura. Para João Leal, que tem escrito profusamente sobre as diferentes formas de apropriação do popular pelos arquitectos mas também por outros grupos profissionais, há sempre um certo pré-conceito sobre algo que não é redutível a clichés porque é dinâmico, ou seja porque é uma manifestação de algo

vivo; assim, a sua comunicação percorre a rica história das apropriações do popular em Portugal, desvendando em cada momento os preconceitos ideológicos subjacentes.

A edição do debate que se seguiu a cada uma das sessões permite “tomar o pulso” aos argumentos, mas é também esclarecedor das consequências últimas das comunicações; assim, Holston reafirma a elaboração do programa como chão comum profícuo no cruzamento das leituras arquitectónicas e antropológicas; e Teyssot dirige a sua crítica de forma mais assertiva à nefasta influência que, na sua opinião, as teorias sociológicas de Henri Lefebvre tiveram no ensino da arquitectura em França a partir dos anos 60, e até hoje.

Naturalmente outros temas ficaram por abordar, e que se podem hoje considerar da máxima pertinência; podemos referir, a título de exemplo, questões como a antropologia da imagem ou a etnografia das práticas de projecto. A primeira, com campos de aplicação vastos, tais como os estudos sobre os media, a fotografia, ou o papel dos museus e a museografia, reflecte sobre a presença das imagens na sociedade; e essa presença é objecto

de interpretação. Estudos como os que têm vindo a ser desenvolvidos por Georges Didi-Huberman, entre outros, são da máxima actualidade e pertinência tanto para o campo da arquitectura como da antropologia, cada vez mais confrontada com a valorização do virtual, do ícone, do artificial. Outro campo, e que tem a máxima pertinência para as escolas de arquitectura, diz respeito às reflexões sobre as práticas de projecto arquitectónico; neste campo de estudos, de certa forma iniciado por Peter Galison, mas que obteve grandes avanços com os estudos de Bruno Latour, são os protocolos de produção de conhecimento, ou de projecto, que são objecto de estudo; recentemente Albena Yaneva editou o seu trabalho com o registo da permanência no escritório dos OMA, e num excelente catálogo que regista a participação da Suíça na 11ª Bienal de Veneza em 2008, organizado pelas Escolas de Arquitectura de Lausanne e Zurique, “Explorations in Architecture - Teaching, Design, Research”, são incluídos 4 ensaios relevantes sobre essa temática, a que a antropologia ou sociologia do conhecimento não são estranhas; os ensaios a que me refiro são, respectivamente, de Sanford Kwinter, Bruno Latour e Albena Yaneva, Daniel Bisig e Rolf Pfeifer, e Georges Teysot.

Por fim, parece remoto já o momento em que a prática do desenho, como expressão individual e artística, era o vínculo entre o arquitecto e a sociedade; esta ideia, desenvolvida pelo antropólogo Edward Robbins em “Why architects draw”, surge agora como algo arcaico, como o prolongamento de uma prática de projecto entendida como acto de desenho individual, e que se opõe a uma prática não autoral, anónima, ou colectiva, ou ainda uma prática que não toma em consideração que o desenho é tanto o produto da mão que desenha como do lápis que sulca; e que também o lápis que sulca produz a mão que desenha; mas sobre estas questões, e a sua avaliação, seria necessário fazer outro Colóquio, a intitular grafias rasuradas, e que se dedicaria ao estudo das rasuras, correcções, palimpsestos, hesitações de método, hibridações, o não-humano, desvios, sempre presentes quer nas práticas etnográficas quer nas práticas de projecto de arquitectura.



Pinturas murais de Le Corbusier na casa E 1027,
Roquebrune-Cap-martin, 1939
Disponível em <http://www.fondationlecorbusier.fr>

W
A
C
T
N
T
C
T
D
D
W